

Pressão sobre o câmbio volta a ganhar força

*Dólar fechou
em R\$ 2,738,
em alta
de 0,85%*

SERGIO LAMUCCI

A pressão sobre o câmbio voltou ontem. Rumores de que uma agência de classificação de risco – provavelmente a Standard & Poor's – poderia rebaixar o rating (conceito) da dívida brasileira aumentaram a demanda por dólares, levando a moeda a fechar em alta de 0,85%, cotado a R\$ 2,738, mesmo num dia em que o Banco Central (BC) voltou a ofertar títulos cambiais. Os boatos também provocaram o aumento do risco país do Brasil, que pulou de 1.145 para 1.188 pontos.

Quando o câmbio começou a

subir pela manhã, o BC anunciou um leilão de 500 mil NBC-Es (títulos cambiais) com vencimento em 8 de maio de 2002, que saíram a uma taxa máxima de 7,29%. Houve demanda por 2,703 milhões de papéis. Desde a sexta-feira, o BC realizou dez leilões de títulos cambiais. A oferta não impediu que o dólar fechasse na máxima do dia. Segundo operadores, além dos rumores quanto a um possível rebaixamento do rating do Brasil, o mau desempenho das bolsas americanas também pressionou o câmbio. A moeda acumula valorização de 40,3% no ano.

Para tentar deter a alta das co-

tações, o BC anunciou ontem mais duas medidas para limitar o poder de fogo dos bancos para comprar dólares. A instituição tornou mais caro montar posições em dólar e mudou a forma de cálculo do recolhimento compulsório sobre depósitos à vista (as contas correntes), o que vai retirar R\$ 4 bilhões em circulação na economia. O diretor-vice-presidente do BNP Paribas, Carlos Calabresi, diz que as medidas atacam a ca-

BANCO CENTRAL VENDEU TÍTULOS

pacidade dos bancos de apostar na alta da moeda, devendo inibir novas compras de dólares. Calabresi entende que as instituições compradas – que estão com dólares em carteira – podem se sentir

desconfortáveis em aumentá-las. “Além disso, o mercado pode começar a se perguntar: o que será que o BC fará agora?” Na sexta-feira, a instituição já aumentara o depósito compulsório sobre os depósitos a prazo, o que vai retirar R\$ 10 bilhões do mercado.

Para o economista Roberto Padovani, da Tendências Consultoria Integrada, as medidas são corretas. Como a liquidez do mercado vai diminuir, as instituições terão menos fôlego para pressionar o câmbio. Com isso, é possível que o dólar fique oscilando entre R\$ 2,70 e R\$ 2,75, afirma Padovani. O economista-sênior do BBV Banco, Fábio Akira, considera que o BC está fazendo o possível para evitar uma elevação da taxa Selic. “O BC parece entender que essa nova pressão sobre o dólar é transitória, não valendo a pena aumentar a taxa básica.”